

Não conheço o teu corpo, Filomena. Não conheço o meu corpo. De olhos fechados, não me lembro da tua cara. De olhos fechados, não sei como é a minha cara. Conhecemo-nos por telefone. Na auto-estrada, de soslaio, um cemitério de cabines telefónicas, à entrada de Lisboa. É o lugar onde as desmontam, agora, que já não as vemos nas ruas. Alinhados, os paralelepípedos de vidro e alumínio são um hospital de armaduras. Algumas começaram a ser desmembradas. Portas, dobradiças, fios, auscultadores, pernas, braços, entranhas amontoados em pilhas. As cabines ainda intactas lembram tatus futuristas ou, recuando no tempo, o exército na iminência do massacre, escudo contra escudo, elmo contra elmo, tenso, beligerante, mas inofensivo como no interior de um cristal. *Bobele Yo, bobele Yo*. Somente Tu, somente Tu. Já não consigo lembrar-me de como era passar a tarde fora, incontactável, sem telemóvel. À minha volta, comenta-se o litígio entre a companhia dos telefones e o governo. Falências, corrupção, tribunais, atrasos, indemnizações, passa-culpas. Continuamos, desafiando os aguaceiros. Perco de vista o cemitério de cabines. À esquerda, o estuário do Tejo está coberto de nevoeiro. Mas fiquei ali, como se, perdida entre as cabines, um dos telefones pudesse tocar.

Condor, sargaço, vazia, palha-de-aço, bicicleta, centurião, atleta, capataz, algoz, capeta, sineta, altar, plantação, santa, balão, guarda-
napo, algodão, pão, queimada, floresta, ribeiro, gato, poça, fossa, perfume, lume, cambalhota, desiderato, bicarbonato, avestruz, mãe, tesoura, torno, olho, padrão, jóia, passatempo, mão, junta, prego, canal, quem és tu?

Cantas-me um espiritual, bates o compasso na mesa com os nós dos dedos. Meneias a anca, cantarolas. Embalas-me no teu desejo, nos teus sonhos húmidos. Um sopro trepa o teu colo, como vento transmitindo-se à copa de uma árvore. Primeiro, os olhos, acesos; depois, os músculos do rosto, líquidos e brilhantes. As tuas perucas sobre a mesa; pentes, rolos, um secador, partículas de *blush* cor de terra, sobras de um ovo estrelado na borda de um prato de sopa. Um cheiro a verniz de unhas apimenta o ar, prenúncio de verdades doces. O meu coração aperta diante do vosso filme erótico. Desvio o olhar. Não sei onde pôr as mãos. “Abre os olhos, sua tonta. Não tenhas medo.” Terminou o namoro. Ele chegou, cortando o nosso laço com a tesourinha do teu *nécessaire*. Ali estás, com o teu amante, a quem pedes pela nossa vida. Eu, encabulada, uma testemunha do vosso caso. A distância entre nós, a morte. Para sobrevivermos, quando não estamos em linha, não existimos. O telefonema: uma ressurreição semanal, seguida de nova escuridão. Habitámo-nos ao que as chamadas fizeram de nós. Emprenhámos pelos ouvidos.

De vez em quando, o telefone tocava. Eras tu. E o dia ficava ao mesmo tempo salvo e azedo, coalhado. A criança sofria um tumulto, suspensas as brincadeiras e o horário. “Vem, depressa, é para ti”, dizia a tia Benedita. Salto para o cadeirão, às vezes, nua, a caminho do banho. “Vem, depressa, é a Filomena.” *Está lá, Solange? Estou a ligar já a esta hora para desejar Feliz Natal. Os tios estão bem? A Mamã não consegue mandar prenda este ano, mas não fica triste, está, filha? Sim, tudo bem, a Natércia manda beijinhos, mês que vem a Mamã vai mandar com o primo aquele pano para a tia te fazer um vestido, está bem? Vou comer mesmo só chouriço com arroz lá na casa da Necas, a esta hora as miúdas já devem estar a arranjar tudo, tenho de subir, que vizinha é essa? Nada? Como nada? Não fica triste, filha, promete à Mamã, tenham uma boa consoada e uma noite abençoada e vê lá se não ficas toda vaidosa com essas prendas todas. Tens mas é de pedir à tia que te leve a arranjar o cabelo, a Mamã vai mandar dinheiro e também para tratar dos dentes. Olha lá, menina, então e os namorados? Já avisei, meu genro tem de ser rico, bem alto, não quero cá canucos a darem-me pela cintura, não, varão da minha filha é alto, bonito, olhos verdes, não esquecer, menina, é apontar que eu não duro sempre, estás a ouvir? Foste desfrisar? Mas já foram afinal, a Mamã ia mandar o dinheiro, ficou como? O produto é para aplicar só nas raízes, já te avisei, senão o cabelo cai todo, ah, filha, ainda não te contei daquele meu apaixonado. Como aquele? Aquele. Pensas que eu sou uma dessas, mas hoje é dia de Natal, depois a Mamã liga a contar melhor, pensa só*

na escola, que tu ainda és uma menina, nada de andar a dar confiança a esses jagunços, está bem?

Ao telefone contigo, faço barulho, solto gritinhos, dou gargalhadas, desarrumo a casa. “Respeita os mais velhos. Não esquecer de lavar sempre os dentes.” Vou de aventura em aventura, de histórias de encantar a banhos de bonecas, de cambalhota em cambalhota. A criança vai assomando da distração, esquecida da sua idade. És o meu amigo e eu a tua madrinha de guerra, ansiosa por te rever, por te cheirar, por te tocar, por te puxar o cabelo. Não há espaço no *hall* para a minha confusão. Importuno. Vais ganhando forma. Quase te toco, como se fosses uma fonte de energia. As palavras saem-me mais lentas do que o pensamento, alimentado pela tua electricidade. Fáisco. Somos reais de mais para uma vida tão curta.

E a Rita, aquela tua amiga, ainda te anda a chatear, é muita inveja, filha, já são amigas de novo? Pazes? Mas afinal é Vanda? E a Rita, não é Rita? Deixa ainda a Mamã fazer uma oração, fica só em silêncio. Deus Pai Todo-Poderoso, abençoa a minha filha, os tios dela, todos aí em casa em Odivelas, protege a minha filha, meu Pai, afasta dela todos os demónios de inveja, todos os demónios de doença, meu Pai, todos os demónios de colegas de escola invejosas, todos os demónios de saudade. Abençoa a minha filha Solange, meu Pai, perdoa todos os nossos pecados, que eu sou pecadora, meu Deus, e todos os dias peço contra ti, Senhor, cobri-nos com o teu sangue e com as tuas bênçãos maravilhosas neste Natal, meu Pai. Nós te glorificamos por mais um dia de vida, pelo teu sopro de vida gratuito a nós, que somos pecadoras, Senhor. Solange, filha? Estás aí? Nunca esquece de orar, filha, que sem oração não vamos lá. A Mamã agora vai subir lá na casa da Necas. Tem um Natal abençoado. Beijo, filha, tchau. Dou já também bom ano novo, que não sei se aqui vai haver telefone. Bom ano novo, filha, tá. Tá, filha, tchau. Beijo.